

IDEOLOGIAS CIRCULANTES NO PROCESSO ELEITORAL PARA PRESIDENCIA NO BRASIL EM 2018

Aléxia Farhat Silveira Soubiê (IC) e Andreia De Conto Garbin (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

O Brasil se vê imerso em um cenário de constante agitação política, sendo possível considerar as icônicas manifestações de 2013 e os protestos relacionados ao impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Assumindo o movimento dialético como respondente pelos processos da realidade, entende-se que as agitações políticas existiam antes de 2013 e continuaram produzindo, dialeticamente, uma série de desencadeamentos que culminaram, em 2018, na eleição de um presidente simpatizante da extrema-direita. O presente estudo teve como objetivo investigar quais foram as ideologias adotadas por jovens eleitores de candidatos da direita durante o processo eleitoral para presidência no Brasil em 2018 – associando também as ideologias aos candidatos. A fim de realizar essa pesquisa qualitativa - e exploratória - foram utilizados o conceito de ideologia e a sistematização das construções simbólicas relacionadas a este fenômeno propostos por Thompson (2011). Dessa forma, pretendeu-se elucidar as ideologias - em sua acepção neutra e crítica circulantes durante o processo eleitoral em 2018 e quais os mecanismos operantes em sua construção e inserção social. As categorias temáticas revelaram discursos parciais nas escolhas dos candidatos sustentados na unificação do discurso de rejeição ao PT, na dissimulação e naturalização da corrupção e na atribuição de confiança e honestidade ao candidato eleito. As ideologias mobilizam formas simbólicas em contexto sociais que buscam sustentar relações de dominação, portanto verificou-se a construção de racionalizações sobre o futuro governo, na personificação do ministro da economia, associadas ao liberalismo. Jovens universitários sustentaram o voto por meio de generalizações e da naturalização dos fatos sociais.

Palavras-chave: Eleições presidenciais. Ideologia. Psicologia social.

ABSTRACT

Brazil sees itself immersed in a scenario of constant political agitation, which makes possible to consider the iconic political demonstrations of 2013 and the protests related to the impeachment of the former president Dilma Rousseff. Assuming the dialectical motion as responsible for the processes of reality, it is understood that the political agitations existed before 2013 and continued existing after the years of 2013 and 2015, producing, dialectically, a series of triggers that culminated, in 2018, in the election of a far-right president. That turn

to the right represented, once again, a moment that brought to light essential movements of the Brazilian political history, period that can be understood, according to what has been exposed, as an antithetical unity. The present article aims to investigate which were the ideologies embraced by young electors of right-wings candidates during the presidential electoral process in Brazil in 2018 - associating as well ideologies to the candidates. In order to perform this qualitative research - and exploratory - were used the conception of ideology and the systematization of the symbolical constructions related to this phenomenon proposed by Thompson (2011). Thereby, it is intended to elucidate the ideologies - in its neutral and critical conceptions - that were circulating during the electoral process in 2018 and the operants mechanisms responsible for its construction and social insertion. The existence of thematic categories shared by the participants was verified, as well as the operation of ideological phenomena in the symbolic construction concerning Jair Bolsonaro's electoral campaign. Ideologies mobilize symbolic forms that seek to maintain relations of power in social contexts. Therefore, rationalizations over the future government associated to liberalism were verified, as personified in the Minister of Economy. Young university students sustained their votes through generalizations and naturalization of social facts.

Keywords: Presidential elections. Ideology. Social Psychology.

1. INTRODUÇÃO

A partir de 2013, o debate político no Brasil começa a se polarizar e se intensificar. Tendo como norte o estudo de Brugnago e Chaia (2014), que exemplifica o vasto repertório da literatura publicada acerca do tema, temos que a tese da polarização assimétrica aponta um fortalecimento da esquerda e a radicalização da direita, o que, em 2015, culminou em um novo estreitamento dos encaminhamentos políticos. Assim, entende-se que a guinada à extrema direita, descrita por Giuliano da Empoli (2020), que é notada não apenas no Brasil, mas também na Itália, nos Estados Unidos, na Hungria, entre outros, é um processo que se dá à longo prazo. O processo eleitoral ocorrido em 2018, portanto, é fruto de uma série de construções concomitantes e paralelas cujas vicissitudes movimentam-se há tempos.

A tese da polarização assimétrica trazida pelo artigo (BRUGNAGO; CHAIA, 2014), entretanto, pode induzir ao erro na medida em que coloca a polarização da direita focada no "conservadorismo e no discurso de ódio ao PT". Essa ideia, trazida também por outros autores, reduz um sítio do espectro político à intolerância e ignorância, o que é, evidentemente, falso e ilusório. Se faz necessário, portanto, entender o que fundamenta as direitas e as esquerdas no contexto político brasileiro, identificando os mecanismos ideológicos de construção simbólica por trás daquilo que norteia o sujeito bem como os fundamentos epistemológicos que embasam determinados posicionamentos. Ou seja, é preciso separar os mecanismos ideológicos de uma ideia e, também, localizar posicionamentos dentro do espectro político de uma forma mais pragmática, caso contrário, se ocorrer uma redução da análise política-ideológica a pressupostos ideológicos dominadores, fazer-se-á necessário descartar o próprio espectro político como forma de definição dentro do campo epistemológico.

O objetivo desta pesquisa foi, por meio de uma análise dialética, investigar quais foram as ideologias adotadas por jovens eleitores de candidatos da direita durante o processo eleitoral para presidência no Brasil em 2018 – associando também as ideologias aos candidatos. Além disso, o projeto traz outros objetivos mais específicos, tais quais: identificar as contradições presentes entre o que se pensa - eleitores - e o que se faz - candidato; caracterizar aspectos da história pessoal dos entrevistados; identificar as concepções dos candidatos a partir do plano de governo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Thompson (2011) admite duas concepções de ideologia, as neutras e as críticas. As concepções neutras são aquelas que representam um aspecto da vida social, podendo

estar presente, por exemplo, num programa político, independentemente de sua orientação – isto é, seja sua proposta de transformação ou preservação da ordem social. Assim, as concepções neutras não consideram fenômenos ideológicos, necessariamente, como ilusórios ou ligados aos interesses de algum grupo em particular. As concepções críticas, por sua vez, possuem um sentido inerentemente negativo, crítico ou pejorativo, implicando que o fenômeno ideológico é enganador, ilusório ou parcial, nesse sentido, os fenômenos ideológicos são aqueles fenômenos simbólicos significativos que servem para estabelecer e sustentar relações de dominação.

A negação da concepção neutra de ideologia, feita por este e outros autores, como Marilena Chauí (2008), pode ser sintetizada sob o argumento de que “o conceito neutralizado de ideologia gera o desaparecimento de sua dimensão falsificadora e dissimuladora assim como o fim de sua negatividade sob a forma da crítica intelectual (DANTAS, 2011). Os autores trazem, portanto, a relevância social e intelectual de se considerar a concepção crítica, propriamente negativa, uma vez que ela nos permite analisar e compreender a realidade social e as relações de poder com o embasamento teórico - o qual forneceu ferramentas tais quais a sistematização das estratégias de construção simbólica propostos por Thompson (2011). Esta relevância pode ser exemplificada pelo seguinte trecho:

De fato, um dos traços fundamentais da ideologia consiste, justamente, em tomar as ideias como independentes da realidade histórica e social, quando, na verdade é essa realidade que torna compreensível as ideias elaboradas e a capacidade ou não que elas possuem para explicar a realidade que as provocou. (CHAUÍ, 2008, p.13)

Por outro lado, as concepções neutras, tomadas como um “aspecto da vida social” (THOMPSON, 2011) que tem como proposta representar a sistematização de um conjunto de ideias, é um sentido do termo amplamente usado pela sociedade. Aqui, a concepção neutra do termo entrará como uma ferramenta para se analisar o conteúdo dos discursos, buscando categorizar conjuntos de ideias, valores e doutrinas que estavam presente no campo das motivações trazidas pelos participantes.

3. METODOLOGIA

A pesquisa possui uma abordagem qualitativa e exploratória e utiliza como tipo de pesquisa o estudo de caso. A entrevista foi do tipo semiestruturada, conduzida por meio de um roteiro de perguntas elaboradas pelas pesquisadoras. Primeiramente, colocamos como fatores inclusivos para a participação da pesquisa a idade dos participantes - entre

20 e 26 anos -; sua ocupação - universitários - e o voto para presidência em 2018 devia ter sido em algum candidato de direita. O isolamento social que foi instaurado em São Paulo configurou-se como um obstáculo para a realização das entrevistas presenciais pela dificuldade que ele impõe de atingir o público/participante-alvo. Sem a câmera ou sem a câmera e a voz - isto é, por mensagem de texto - a perda é maior ainda.

Os dados foram coletados à distância, devido à pandemia do coronavírus. Três das cinco entrevistas foram realizadas por videoconferência - duas foram gravadas com o microfone do celular e uma foi gravada, com a imagem, por meio do aplicativo de vídeo que estava sendo usado. Uma das entrevistas foi feita por uma ligação sem vídeo - gravada com o celular - e a outra por mensagem de texto. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Presbiteriana Mackenzie sob o número CAAE: 29184819.4.0000.0084.

Os dados foram analisados tendo como base o método hermenêutico-dialético proposto por Minayo e compreendendo seus dois níveis de interpretação: (i) nível das determinações fundamentais e (ii) nível de encontro com os fatos empíricos. (OLIVEIRA, 2001)

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

Foram entrevistados cinco jovens do sexo masculino de idade entre 18 a 26 anos, estudantes universitários (das áreas de teologia, física e direito) moradores da região metropolitana de São Paulo. Todos declararam voto no candidato Jair Bolsonaro no segundo turno das eleições presidenciais de 2018. Os participantes apresentaram diversos motivos para votar no candidato de direita (ou extrema direita) Jair Bolsonaro. Dentre esses motivos, nenhum deles incluía alguma proposta concreta do governo, o que nos leva à conclusão de que não foi o seu plano de governo que atraiu o voto dos eleitores. Isso nos traz uma grande questão: se a proposta de governo não foi o que mais atraiu os eleitores, o que foi? Aquilo em que os eleitores declaram abertamente que acreditam - por exemplo, no caso de um eleitor que acredita na força do Estado e por isso procura votar em um grande estatista - não é a única fonte que nutre seus ideais. Ao entender a ideologia como um sistema de crenças, valores e ideais - nos aproximando de uma concepção neutra de ideologia, descrita por Thompson (2011) -, temos que aquelas ideologias ou aquela ideologia que um determinado indivíduo defende abertamente como seu maior valor ou ideal não é ela própria a única norteadora de seu pensamento. Isso explica a aparente contradição entre um indivíduo que se diz defensor de determinada causa e que, no entanto, escolhe eleger uma pessoa que é contrário ou indiferente à mesma.

A análise do discurso dos participantes foi feita tendo como base tanto as concepções neutras quanto as concepções críticas de ideologia. As concepções neutras são contempladas por uma parte da análise em que se considera as crenças, valores e vivências de cada indivíduo, tomando-os como peças concretas não manipuladas pela realidade. Desta forma, considera-se o plano econômico, social, institucional como ideologias, tratando, por exemplo, o liberalismo como uma possível ideologia norteadora para o voto. A assunção de que absolutamente todas as ideias e atitudes tomadas por indivíduo é governada por mecanismos ideológicos cujo movimento se dá de fora para dentro é pouco provável e desconsidera a autonomia de pensamento e a possibilidade de crítica inerente à cada ser humano. Por este motivo, as concepções neutras foram preservadas na análise da forma explicitada anteriormente. Ao mesmo tempo, em algumas entrevistas foi possível notar um mesmo conjunto de ideias influenciando o voto de cada participante, o que nos leva à conclusão de que a fonte deste conjunto representava uma ideologia "única" da qual os indivíduos beberam e construíram seus pensamentos ditos "ideológicos" nos termos da concepção crítica de ideologia descrita por Thompson (2011).

O objetivo, ao levar em consideração as duas formas de análise, é levar em consideração as motivações internas – concepção neutra de ideologia - de cada eleitor e, ao mesmo tempo, promover uma reflexão acerca das motivações externas que se supõem internalizadas por ele – concepção crítica de ideologia. Reconhecendo, portanto, tanto o "indivíduo", quanto à "sociedade", aliando à pesquisa aos pressupostos de uma psicologia social.

Foram construídas categorias, a partir da leitura das entrevistas, que agruparam as concepções em comum apresentadas pelos participantes, são elas: rejeição ao Partido dos Trabalhadores, confiança no candidato, escolha dos ministros e desconfiança em relação à classe política.

4.1. Rejeição ao PT

Os cinco participantes afirmaram não querer o Partido dos Trabalhadores no poder novamente, porém, ao justificar esta rejeição, os participantes não apresentaram as mesmas motivações. Assim, apesar da rejeição ao PT ser unânime, apenas dois participantes apresentaram um ponto de convergência ao apresentarem a diminuição da interferência do Estado como um fator contrário ao antigo governo. O participante D., por exemplo, justificou seu voto por não concordar com a ideia de um Estado forte e centralizado e por considerar necessária a rotatividade do poder.

Um outro participante (E.) também demonstrou afinidade por um Estado menor, no entanto o seu maior ponto de conflito com o PT era o fato de ele ter verificado que diversas políticas que o Partido pretendia implementar (tanto sociais como econômicas) não vingaram e isso o levou a conclusão de que seria melhor “não insistir no erro”.

O participante J., que afirmou não querer o PT no poder “de jeito nenhum”, justificou sua escolha à época em função de sua posição à direita no espectro político, a qual descreveu da seguinte forma:

“Na época eu achava que alguém de direita deveria apoiar o regime militar, restringir imigrações, livre mercado, abominar o comunismo, porte de armas, pena de morte (incluindo crimes menores), ser contra o aborto, amar a Pátria, ser nacionalista.. esse estereótipo. Quem não era assim era do “centrão” ou de esquerda.” (J.)

E completou dizendo que sua mentalidade perante ao cenário eleitoral era a de “descartar qualquer candidato que não fosse de direita”. Essa postura traz à luz uma dicotomia em vigência no cenário político brasileiro, conforme descrito por

[...] após as manifestações de junho de 2013, a dicotomia na participação política brasileira ganhou um novo capítulo em sua história. A identificação das pessoas entre esquerda e direita refloriu. Após a população tomar as ruas em torno de todas as suas insatisfações, as diferenças ideológicas dentro das próprias manifestações rapidamente começaram a transparecer, até o movimento implodir, rachando a massa de pessoas em dois rumos de militância com caminhos totalmente opostos. (CHAIA e BRUGNAGO, 2014)

Por conta de sua posição à direita, que trazia junto uma afeição pelo regime militar, J. se aproximou de dois candidatos, João Amoedo e Jair Bolsonaro, tendo elegido o último como seu candidato. A ideia de relacionar a direita com o regime militar é particularmente significativa aqui para entendermos a linha de raciocínio do eleitor, pois o motivo dessa sua afeição pelo regime não estava associada com a ideia de repressão, por exemplo, e sim com um conjunto de adjetivos e supostas práticas atreladas ao regime:

“Um possível motivo é que na época da ditadura me foi contado que a taxa de homicídios era bem menor, tinha ordem, progresso.. essas coisas [...] Bandidos eram presos efetivamente, esses tipos de argumentos. Hoje em dia eu vejo que era balela, nada justifica uma ditadura.” (J.)

Essa fala é particularmente relevante pelo fato de que fora constatado em outra pesquisa com jovens eleitores uma mesma postura de insegurança diante do tema da segurança pública. (NASCIMENTO, 2019) É interessante notar que nos dois contextos -

tanto nesta pesquisa quanto na outra referenciada aqui - a solução para essa insegurança - verificada em governos anteriores - está relacionada com a direita, mesmo que os participantes não tenham relatado essa realidade em outros governos. Assim, neste contexto em que se evidencia a construção de uma imagem para a esquerda e outra para a direita, é possível falar na existência de uma influência ideológica - em sua concepção crítica - no discurso.

A fragmentação, segundo Thompson (2011), é um tipo de modo operacional da ideologia que pode operar de forma a dirigir forças de oposição em direção a um alvo que é projetado como mau, perigoso ou ameaçador. Dentro deste modo operacional localiza-se a estratégia de construção simbólica cunhada de “expurgo do outro”, descrita a seguir:

Essa estratégia envolve a construção de um inimigo, seja ele interno ou externo, que é retratado como mau, perigoso e ameaçador e contra o qual os indivíduos são chamados a resistir coletivamente ou a expurgá-lo. Essa estratégia, muitas vezes, sobrepõe-se com estratégias que tem como fim a unificação, pois o inimigo é tratado como desafio, ou ameaça, diante do qual as pessoas devem se unir. (THOMPSON, 2011, p. 87)

Neste caso, o “outro” refere-se à esquerda/PT, que é vista pela direita tal como fora construída por Bolsonaro e outros políticos antes dele, como um inimigo. Assim, no contexto das eleições de 2018, evidenciou-se em muitos discursos a ideia de que o candidato Bolsonaro, que encarnava um símbolo da direita que poderia não ser o melhor representante do liberalismo ou da liberdade, mas era o que representava a antítese para aquele inimigo que precisava ser eliminado. A citação abaixo, referente ao pensamento do participante à época das eleições, sintetiza o que foi descrito agora - haja vista a discussão feita nos parágrafos anteriores:

Em 2018 eu entrei na faculdade e lá conheci uns amigos que partilhavam o meu modo de pensar, e em especial o meu melhor amigo, que me disse que iria votar no Bolsonaro, me ajudou a me convencer que era melhor dar um voto útil no Bolsonaro do que votar em alguém que certamente não iria vencer o Haddad nas eleições. (J.)

No primeiro turno o meu voto foi no Partido Novo, que, pra mim, na minha ideologia seria bem melhor, né. Mas, partindo pro segundo turno, não tinha outra saída, né, então tive que fazer essa escolha. Mas no primeiro turno, eu fui no Amoedo; eu votei nele no primeiro turno com uma confiança também, mas a gente já sabia, mais ou menos, que não iria dar certo, né, era só mesmo pra gente tentar apoiar um partido novo, com outros conceitos. Mesmo também não apoiando muito, mas a gente não tem muita

saída, né, infelizmente. Então, o primeiro turno foi esse e o segundo turno foi no Bolsonaro. (L.)

[...] Por exemplo, eu também me identifiquei bastante com o Amoedo, é... mas, mesmo assim, tipo, por exemplo, eu acho que o Henrique Meirelles também seria algo razoável de acordo com a minha posição, é... mas realmente o diferencial foi a questão do aborto, mesmo. [...] Inclusive, eu acho que o Amoedo seria um representante melhor pra visão liberal do que o Bolsonaro. (K.)

Pelo fato de ele ser um candidato mais provável a eliminar o PT, também pesou um pouco na minha escolha. (K.)

Os motivos que nortearam o voto do participante L. foram a "corrupção e a falta de conhecimento na gestão" das presidências anteriores - aqui o participante incluiu a gestão feita pelo PT, mas não se limitou a ela, citando, por exemplo, o PSDB -, nesse sentido, o participante falou na "necessidade de mudança total", associando o sentimento de "revolta" em relação às presidências anteriores e, somado a isso, teve o entendimento de que o candidato Jair Bolsonaro era o "único capaz de tirar o outro governo". Neste discurso, salienta-se questões significativas a serem exploradas, àquelas relacionadas ao que vamos chamar de "afetos" e àquelas relacionadas ao "plano concreto" - tanto esta quanto aquela são respaldadas pela realidade, os termos "afetos" e "plano concreto" foram usados à título de didática.

Os afetos constituem um fator já verificado no discurso dos eleitores por outras pesquisas, como é o caso desta que será mencionada a seguir, realizada com jovens eleitores do candidato Bolsonaro:

O conjunto de afetos políticos que emergiu com as manifestações de 2013, com uma efervescência de politização e descontentamento que emergiu em uma campanha polarizada e radicalizada, mobilizou grande carga afetiva dos eleitores, seja pelo discurso de ódio, medo, insegurança, esperança ou crença. Cada vez mais os afetos fazem parte da vida política, afinal a política é feita de seres humanos, mas a questão relevante aqui é quando esses afetos são mobilizados com alguma finalidade [...]. (NASCIMENTO, 2019)

Conforme corroborado pela citação anterior, este tópico se faz importante também pelo fato de que a presença de afetos no discurso é um aspecto responsável por movimentar o voto, isto é, pode ser um fator determinante. Foi o que se verificou no caso do participante L., por exemplo, que relatou ter muitas divergências em relação ao candidato Jair Bolsonaro - discordava de seus posicionamentos relacionados à

causas/minorias sociais, de seu plano de governo -, mas afirmou que, ao mesmo tempo em que possuía críticas contundentes, a sua revolta em relação às presidências passadas era maior que a sua revolta em relação a esses conflitos, digamos, ideológicos envolvendo o Bolsonaro.

Então, foi totalmente isso, assim, eu realmente não gostava, não aceitava muitas palavras que ele falava, a maioria, na verdade. Só que a minha revolta era muito maior do que essa, talvez revolta também, de suas palavras e decisões. Então, foi isso, isso me motivou totalmente, 100%, assim. (L.)

Os discursos revelam o sentimento de revolta e, portanto, o afeto foi um fator que contribuiu para a decisão, tendo em vista o próprio discurso do participante, em que uma revolta pesou mais do que a outra. Em consonância com o que foi explicitado até agora, vale ressaltar que o sentido do termo “plano concreto”, utilizado anteriormente, apresenta-se à serviço da legitimação do discurso do participante, de forma a validar que sua “revolta” e decisão estavam respaldadas em critérios objetivos, como foi citado anteriormente: a corrupção e a falta de conhecimento na gestão” das presidências anteriores.

Entrelaçando-se com o tema “afetos”, retoma-se aqui a estratégia do “expurgo do outro”, assumida por Bolsonaro em sua campanha: por mais que os participantes tenham apresentado motivações objetivas para justificar seu voto - quatro dos cinco participantes afirmaram que Bolsonaro não era o melhor candidato para representá-los, isto é, não era a sua primeira opção -, a carga pejorativa que foi construída em cima do PT também foi um fator importante para o voto. Por exemplo, como foi exposto, no caso de L., além das críticas pragmáticas, houve também a questão do afeto - que é possível que tenha sido amplificada em detrimento da percepção crítica em relação ao Bolsonaro. O participante E. também trouxe a “onda anti-pt” como um fator que contribuiu para o seu voto (1ª citação), ainda que tenha, posteriormente, atrelado medidas econômicas à este fator (2ª citação):

Já no segundo turno, que foi só entre o Bolsonaro e o Haddad, né, eu acho que eu acabei surfando muito nessa onda tipo anti-pt, anti-pt, e por isso que eu acabei escolhendo o meu voto. (E.)

É, porque assim, eu era, quer dizer, eu ainda sou até hoje, mas eu surfei muito na época do anti-pt por conta do lado econômico. (E.)

Outro aspecto importante a ser destacado é o fato de que um dos participantes relatou ter votado no candidato Jair Bolsonaro, também no primeiro turno, afirmando ser ele o melhor dentre todas as alternativas, mas, ao mesmo tempo, sem saber ao certo o

que o candidato defendia. [citação em que ele diz que não pra definir], quais eram as suas propostas - lembrava apenas de uma -, considerando que sua trajetória política deixava a desejar e que ele não era o candidato mais bem preparado. Ainda assim, afirmou que era o melhor candidato - dentre todos que concorreram - e o que mais se posicionava. Ele também não gostaria que o Partido dos Trabalhadores retomasse o poder, por conta de seu pressuposto de Estado forte, mas, ao mesmo tempo, associava o estatismo ao Bolsonaro.

Uma outra questão relevante a ser comentada é a das divergências que quatro dos cinco participantes trouxeram e que os levaria, num cenário ideal, a votar em outro candidato - como, de fato, ocorreu a dois deles no primeiro turno. Já foram discutidas as motivações para a rejeição do PT, no entanto, é interessante ressaltar aqui que essa necessidade de mudança era tão grande - por mais que os motivos fossem diferentes de eleitor para eleitor - que os participantes preferiram votar nele mesmo discordando em questões fundamentais a eles.

É, aí é desse lado que eu vou admitir que eu errei, porque eu fui muito cego (?). Por exemplo, eu acho que eu acabei surfando tanto nessa onda anti-pt que eu acabei não apreciando ou dando muita importância pra coisas que eu deveria ter tido (dado) mais importância. Por que, por exemplo, se você me pergunta hoje quais são meus posicionamentos sobre essas coisas: aborto... Que mais que ele...? Maconha, essas coisas. Eu sou a favor da legalização de tudo. E é até meio... como fala? Contradiz com o que o Bolsonaro defende. (E.)

É... tá... Em tese, eu fiquei muito na dúvida no começo, assim, muito pensativo no que fazer e, sim, minha revolta era grande às presidências anteriores, então a minha necessidade de mudança (inaudível) era muito grande. Então acho que na minha cabeça naquele momento a gente precisava mudar e mesmo sendo uma pessoa que fosse um pouco radical demais, infelizmente, naquele momento. E é isso, acho que a maior decisão, assim, o maior motivo da minha decisão foi essa questão de mudança, tentativa de melhora. É... Então, foi totalmente isso, assim, eu realmente não gostava, não aceitava muitas palavras que ele falava, a maioria, na verdade. Só que a minha revolta era muito maior do que essa, talvez revolta também, de suas palavras e decisões. Então, foi isso, isso me motivou totalmente, 100%, assim. (L.)

De uma forma ou de outra, isso nos leva novamente à questão ideológica representada pela fragmentação-expurgo do outro, uma vez que fica claro aqui o entendimento geral de que Bolsonaro era o único capaz de derrotar o PT; por mais que

dois participantes tenham votado em outros candidatos no primeiro turno, ambos, assim como um terceiro participante, viam o Bolsonaro como um voto útil no primeiro turno. É importante que fique claro aqui o porquê de se colocar esta discussão no âmbito da ideologia pelo fato de que se as divergências em relação ao Bolsonaro representassem a maioria da população, a ideia de que ele era o único capaz de derrotar o PT - que, conseqüentemente, colocaria o voto no Bolsonaro como um voto útil - ocasionaria na sua vitória mesmo ele não sendo o representante mais desejado pela população. Assim, se o candidato Jair Bolsonaro chegou ao poder por meio da construção simbólica de que ele encarnava a antítese ao PT/Haddad, essa estratégia conversa integralmente com a proposta de Thompson (2011, p. 76), que entende que “estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação”; neste caso, a estratégia tida como ideológica aqui serve justamente a este fim.

Uma das consequências da ideologia dentro dessa formulação é, portanto, a manipulação, de um certo modo, das relações. Dessa forma, questiona-se aqui até que ponto o voto no primeiro ou segundo turno foi movido apenas por convicções no âmbito dos valores, crenças e ideias e quando as construções simbólicas ideológicas podem ter, de fato, ganhado espaço na escolha do candidato à presidência. A análise do discurso nos traz uma possível resposta para essa questão, uma vez que foi notado uma correspondência entre o que se entendeu como uma estratégia de campanha do candidato Jair Bolsonaro - à serviço do estabelecimento e da manutenção de relações de poder - e um dos pontos motivacionais/de influência que norteou o voto no candidato.

Ainda nesta questão, cabe fazer uma ressalva. Como coloca Thompson (2011), a presença de uma ideologia, nos termos de uma concepção crítica, que é o que estamos considerando neste momento, não pressupõe, necessariamente, fenômenos ideológicos errôneos ou ilusórios, e não recai sobre o analista a função ou necessidade de se provar a veracidade ou falsidade desses fenômenos. Assim, nega-se a ideia de que os fenômenos ideológicos sejam, necessariamente, epistemologicamente falhos. O foco do analista ao propor uma análise ideológica nesses termos é compreender as estratégias - os mecanismos de construção simbólica - que servem ao estabelecimento/manutenção de relações de poder - ou relações de dominação, no entendimento de Thompson.

O que nos interessa aqui não é, principalmente, nem inicialmente, a verdade ou a falsidade das formas simbólicas; antes, interessam-nos as maneiras como essas formas servem, em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações de dominação; e não é absolutamente o caso de que essas formas simbólicas servem para estabelecer e sustentar

relações de dominação somente devido ao fato de serem errôneas, ilusórias ou falsas. (THOMPSON, 2011, p. 77)

Em concordância com este pressuposto, Dantas (2011) conclui, referenciando Chauí: a ideologia expressa o “parecer” da sociedade supondo-se o “ser”, de forma que constiuir-se-á de uma representação imaginária, e não do reflexo da realidade social. Este movimento, no entanto, não é irreal ou fantasioso, mas decerto visa à reprodução ou, como nos mostra Thompson (2011), ao estabelecimento de relações de poder.

4.2. A escolha dos ministros

Três dos cinco participantes fizeram referência à escolha dos ministros como um fator norteador para o voto, sendo que os três fizeram menção ao Paulo Guedes na composição ministerial, como exemplificado na fala a seguir:

[...] o Paulo Guedes escolheu o Bolsonaro. Então, eu pensei “tá, ele já ganhou um ponto comigo. (E.)

Afirmando que a escolha do Ministro da Economia foi importante no momento de decidir o voto, - para dois desses participantes isso estava associado ao fato de que o economista Paulo Guedes apresentava uma proposta diferente daquela do Partido dos Trabalhadores, principalmente na questão que diz respeito à interferência estatal na vida da população. O interessante é que nenhum dos participantes considerava o candidato Jair Bolsonaro um bom representante do liberalismo - posicionamento adotado pelo Paulo Guedes -, sendo que quatro dos cinco afirmaram que, no que diz respeito à ideologia, preferiam o candidato João Amoedo. O fator econômico também apareceu como significativo na pesquisa dos jovens eleitores, mencionada já no presente artigo, de forma que aqui os dados corroboram com os resultados apresentados por aquela.

A escuta nos permitiu perceber diferentes questões de cada entrevistado, porém, algo comum a todos eles, foi um sentimento de “insegurança”, que se traduzia na fala deles através das suas experiências pessoais, relacionados principalmente a economia, e a ausência de segurança pública. (NASCIMENTO, 2019)

O entendimento de dois dos participantes era de que o candidato Jair Bolsonaro não se envolveria com as questões econômicas, deixando tudo à cargo do ministro Paulo Guedes - como ele mesmo afirmou ¹ em algumas ocasiões.

Mas acredito assim, pensando hoje, que o que poderia ter me levado a pensar que ele ia abrir mão era dele declarar publicamente que ele não entendia nada de economia. Ele falava, né? Os poucos debates que ele

foi, ele sempre falava “não, deixa o Paulo Guedes responder”, “nao, deixa o Paulo Guedes”. Pensava que ele poderia abrir mão. (E.)

O atual envolvimento do presidente em questões ministeriais, inclusive, foi alvo de críticas por parte dos participantes

Mas hoje eu vejo totalmente que parece que não existe isso lá, entendeu? Porque parece que o Bolsonaro escolheu os seus ministros justamente pra tentar atrair voto, porque ele não tá obedecendo nada que os ministros dele falam. (E.)

Ele demitiu uns 3 ministros da saúde só pra enfiar um cara lá que obedecesse a ele sem questionar. Onde já se viu isso? (J.)

[...] Ele se acha quem tá por cima de todo mundo, lida muito mal com... por exemplo, o COVID, agora, não aceita a questão de ministros falarem pra ele fazer alguma coisa [...] (L.)

4.3. Confiança e honestidade atribuídos ao candidato

A confiança e a honestidade foi outro aspecto verificado no discurso de todos os participantes, cada um à sua maneira. O participante D., por exemplo, demonstrou isso ao apontar, por várias ângulos, a superioridade do Bolsonaro em relação aos outros candidatos, de forma que seu pensamento se respaldou mais em suas falas públicas do que em seu plano de governo, por exemplo. Por este motivo é possível falar em um nível de confiança significativo colocado no candidato. Outros três participantes falaram explicitamente que o voto foi norteado pelo fato de confiarem nele/por conta de sua honestidade.

O participante E. trouxe a questão da confiança da seguinte forma:

Porque a maioria das pessoas que eu discutia, amigo, tinham posicionamento contrário ao meu em relação ao voto. Uma coisa que eu acho que eu agradei muito quando eu discutia com os meus amigos é que eles sabiam ter uma boa conversa. Então na maioria das vezes, a gente sempre chegava a uma conclusão e a gente praticamente tinha todos os posicionamentos iguais; a questão é quem que vai obedecer mais esses posicionamentos. (E.)

O problema mais é isso, a gente... Um confiava mais em um e o outro confiava mais no outro. (E.)

Nesse sentido, ele traz dois aspectos importantes: (i) a ideia de que o problema entre optar pelo Haddad ou pelo Bolsonaro era qual dos dois iria realmente fazer alguma coisa, “obedecer os posicionamentos” que diziam ter - sem entrar, nesta colocação, na

questão do que um ou outro defendia - e (ii) a confiança no Bolsonaro propriamente dita. A respeito de (i), o que se coloca em evidência é uma aparente linha tênue que distingue os dois candidatos, pressuposto que contrapõe-se não só com o que os candidatos, de fato, defendem, mas também com a própria forma como eles se definem. Nesta pesquisa, falou-se na construção de um inimigo por meio do expurgo do outro. Isto serve para atenuar a suposta clara distinção que se faria entre um e outro candidato.

4.4. Classe política

O discurso deste participante e de outro também trouxeram outra importante categoria de análise, que diz respeito à classe política, de uma forma geral, e à corrupção associada a ela.

Eu nem discutia a corrupção, do Lula ser preso, porque pra mim, assim, qualquer um que tiver ia dar na mesma coisa. Não acho que tenha um cara que seja super certinho, mas era mais por conta das medidas que eu não concordava, mesmo. (E.)

[...] infelizmente acho que a gente não pode mais apostar em políticos, a gente tem que apostar em outros tipos de pessoas ou políticos novos... é... empresário, também, a se dizer, é difícil, né, mas, a questão é mudar, né. Tentativa de mudança total, assim, acho que é a única saída nossa. (L.)

Outra ideologia - provinda da classe política - que parece estar associada a esses discursos aqui expostos, a qual ele toma como fonte em alguma medida, é a da naturalização, que insere-se no modo operacional da reificação. Esse *modus operandis* descreve “relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pela retratação de uma situação transitória, histórica, como se essa situação fosse permanente, natural, atemporal” (THOMPSON, 2011, p.87), a estratégia de construção simbólica que permite a operação desta ideologia no caso apresentado é a naturalização, que abarca o tornar a situação natural.

Na primeira fala, o fenômeno ideológico serve tanto ao estabelecimento quanto à manutenção de relações de poder, uma vez que o sujeito toma como “natural” e esperado a corrupção na política, o que permite que ela se mantenha e, ao mesmo tempo, dê espaço para que seja continuada por outros indivíduos da classe política, sendo, conseqüentemente, perpetuada no cenário em que se inserem essas relações. Neste caso, é evidente que o fenômeno ideológico foi produzido por um grupo que pode ser colocado como dominante e, na fala visitada aqui a ideologia está sendo propagada devido à sua internalização pelo eleitor. A segunda fala apresenta-se como uma extensão dos fenômenos descritos na primeira, ou seja, ela também considera natural a corrupção, conferindo-lhe uma certa independência do seu caráter socio-histórico - sem

que isso implique uma conotação positiva à constatação. No entanto, ao mesmo tempo, algo a salientar a respeito desta fala é o fato de que ela considera uma alternativa ao problema, isto é, ela localiza a corrupção como natural dentro da classe política, mas enxerga uma possibilidade de desvencilhamento deste fenômeno por meio da inserção de um novo grupo que substitua esta classe política saturada - mesmo que esta nova categoria vá, logicamente, ocupar-se de cargos políticos também -, neste sentido, a contra-resposta ao fenômeno ideológico constitui-se de uma postura crítica à ideologia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa revelou as concepções ideológicas norteadoras da escolha do candidato presidencial nas eleições de 2018 no Brasil. Concepções relacionadas à ideologia liberal - ou o conjunto de ideias que embasam o liberalismo - se fez, em grande parte, presente no discurso dos entrevistados. Esse aspecto do discurso explica, por exemplo, o fato de três dos cinco participantes terem considerado o candidato liberal João Amoedo um melhor representante em comparação ao Jair Bolsonaro - sendo que dois deles, de fato, votaram no Amoedo no primeiro turno. Revela-se a importância de conhecer em que contexto sociopolítico o eleitor está inserido e pelo qual também será influenciado - também as suas próprias concepções e sistema de crenças e valores - o que serve também à compreensão dos fenômenos ideológicos aos quais esse indivíduo poderá ser sujeito.

A rejeição do Partido dos Trabalhadores foi justificada por uma série de argumentos - como base a realidade de uma forma pragmática -, tais quais, a corrupção constatada nos antigos governos, a incongruência com determinados pressupostos (por exemplo, ser de direita, defender um Estado menor, entre outros), a suposta falta de resultados, de agência em cima do que foi prometido etc. Todos esses motivos constituem uma base sólida para que se pense em votar em outro candidato em vez de manter o mesmo partido no poder. No entanto, o candidato escolhido para substituí-lo, no caso, o Jair Bolsonaro - à época, do PSL - não era aquele que melhor representava - para a maior parte dos participantes - esse conjunto de ideias, o que é um indicador para a presença de um fenômeno ideológico em operação, pois ele basicamente induz o eleitor a considerar o candidato X uma melhor opção, mesmo que ao tomar como base o sistema de ideias que esse eleitor possui, ele não seja a melhor opção.

As categorias temáticas revelaram discursos parciais nas escolhas dos candidatos sustentados na unificação do discurso de rejeição ao PT, na dissimulação e naturalização da corrupção e na eufemização da confiança e honestidade atribuídos ao candidato eleito. As ideologias mobilizam formas simbólicas em contextos sociais que

buscam sustentar relações de dominação, portanto verificou-se a construção de racionalizações sobre o futuro governo, na personificação do ministro da economia, associadas ao liberalismo. Jovens universitários sustentaram o voto por meio de generalizações e da naturalização dos fatos sociais.

A ideologia se encaixa aqui como uma representação da realidade que não a representa em sua totalidade por distorcer suas condições socio-históricas levando àquele que a internaliza a ler a realidade tal como o fenômeno ideológico - que busca estabelecer e manter relações de poder - propõe. Os discursos revelaram análises parciais nas escolhas, baseadas em generalizações e na naturalização dos fenômenos.

6. REFERÊNCIAS

CHAIA, Vera Lucia Michalany; BRUGNAGO, Fabricio. A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. Aurora. **Revista de Arte, Mídia e Política**, v. 7, n. 21, p. 99-129, 2014.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. **Religião e Política: ideologia e ação da "Bancada Evangélica" na Câmara Federal**. 2011.

EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos**. 1 ed. São Paulo: Vestígio, 2020.

NASCIMENTO, Flávia dos Santos. **Juventude e política: conversas com o jovem eleitor de Jair Bolsonaro**. 2019

DE OLIVEIRA, Maria Marly. Metodologia Interativa: um processo hermenêutico dialético. **Interfaces Brasil/Canadá**, v. 1, n. 1, p. 67-80, 2001.

THOMPSON, John. **Ideologia e Cultura Moderna**. 9ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

Contatos: alexia.farhat@hotmail.com e andreia.garbin@mackenzie.br